

**UM MURO POROSO ENTRE PSICANÁLISE E LITERATURA: o inconsciente
narrado por Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem***

***A POROUS WALL BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND LITERATURE: the
unconscious narrated by Clarice Lispector in *Near the Wild Heart****

Andressa Karollyne Souza Silva
Bruno Fiuza Franco

RESUMO: Este trabalho investiga as relações entre psicanálise e literatura a partir da análise do romance *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector (1943). A pesquisa parte da seguinte questão: de que maneira manifestações do inconsciente podem ser identificadas nessa narrativa clariceana? O objetivo consiste em compreender como a obra literária pode expressar elementos do inconsciente por meio da construção da interioridade da personagem Joana. Para isso, estabelece-se um diálogo teórico com a psicanálise, especialmente com conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud acerca de fantasia, devaneio e criação literária. A metodologia adotada possui caráter qualitativo e bibliográfico, fundamentando-se na análise interpretativa de trechos da obra em articulação com o referencial psicanalítico. Ao expor pensamentos, fantasias e conflitos internos da personagem, a obra literária apresenta formas narrativas que aproximam manifestações do inconsciente da construção da subjetividade. Conclui-se, portanto, que a narrativa de Clarice Lispector evidencia a literatura como espaço privilegiado de investigação da vida psíquica, estabelecendo diálogo significativo com a psicanálise.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; inconsciente; subjetividade; Clarice Lispector.

ABSTRACT: *This work investigates the relations between psychoanalysis and literature from the analysis of the novel *Near the Wild Heart*, by Clarice Lispector (1943). The research starts from the following question: how can manifestations of the unconscious be identified in this Claricean narrative? The objective is to understand how the literary work can express elements of the unconscious through the construction of the interiority of the character Joana. For this, a theoretical dialogue is established with psychoanalysis, especially with concepts developed by Sigmund Freud about fantasy, reverie and literary creation. The methodology adopted has a qualitative and bibliographic character, based on the interpretative analysis of excerpts from the work in articulation with the psychoanalytic framework. By exposing the character's thoughts, fantasies and internal conflicts, the literary work presents narrative forms that bring manifestations of the unconscious closer to the construction of subjectivity. It is concluded, therefore, that Clarice Lispector's narrative evidence literature as a privileged space for the investigation of psychic life, establishing a significant dialogue with psychoanalysis.*

Keywords: *psychoanalysis; literature; unconscious; subjectivity; Clarice Lispector.*

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema justifica-se pelo interesse em compreender como diferentes campos do conhecimento, neste caso, a Literatura e a Psicanálise, podem dialogar na investigação da subjetividade. A metáfora do “muro poroso” indica que, embora esses campos pertençam a áreas distintas do saber, não se encontram completamente separados, permitindo atravessamentos teóricos e aproximações interpretativas. Nesse sentido, ao estabelecer diálogo com a Psicanálise, campo inaugurado por Sigmund Freud, a literatura pode ser compreendida como espaço privilegiado para a expressão de experiências internas e de aspectos da vida psíquica que frequentemente escapam à consciência.

A obra *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector, apresenta narrativa marcada pela introspecção e pela exploração da vida interior da personagem Joana, evidenciando conflitos, percepções e movimentos psíquicos que se aproximam daquilo que a Psicanálise compreende como manifestações do inconsciente. A escrita clariceana destaca-se pelo uso de recursos narrativos como o fluxo de consciência, a fragmentação do pensamento e a exploração da subjetividade, elementos que possibilitam a aproximação entre a experiência literária e as formulações psicanalíticas sobre o funcionamento do aparelho psíquico.

A pesquisa contribui para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar entre Psicologia e Literatura, evidenciando como a linguagem literária pode expressar aspectos do inconsciente. Nesse sentido, o trabalho também se justifica por ampliar as possibilidades de leitura da produção literária como espaço significativo para a reflexão acerca dos processos psíquicos, sem a pretensão de esgotá-los ou reduzi-los a interpretações fechadas.

Ao investigar essa aproximação, este trabalho fundamenta-se nas reflexões de Sigmund Freud acerca da criação literária, especialmente no texto *Escritores Criativos e Devaneio* (1908), no qual o autor discute a relação entre fantasia, imaginação e produção artística. A partir dessa perspectiva, a literatura pode ser compreendida como forma de elaboração simbólica¹ de conteúdos psíquicos,

¹ Em Freud, “elaboração” (*durcharbeiten*) refere-se ao trabalho psíquico de superação das resistências no processo analítico, não sendo apresentado como conceito sistemático, mas posteriormente formalizado por Laplanche e Pontalis.

permitindo que experiências subjetivas individuais adquiram expressão compartilhável.

Sendo assim, ao analisar *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, à luz da Psicanálise, busca-se compreender de que modo a escrita clariceana e o inconsciente psicanalítico compartilham uma lógica comum — não porque a literatura ilustra conceitos teóricos, mas porque ambos operam por uma estrutura semelhante: a de algo que resiste a ser dito diretamente, que escapa à linearidade e que habita as bordas do sentido. Reconhece-se, assim, na literatura um espaço privilegiado para a manifestação de processos psíquicos, reforçando a relevância do diálogo entre campos do saber para uma compreensão mais complexa da subjetividade humana.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, utilizando como método a revisão bibliográfica. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O procedimento metodológico adotado consiste na análise interpretativa de trechos selecionados do romance *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector, articulada ao referencial teórico psicanalítico, com ênfase nas contribuições de Sigmund Freud, especialmente nos textos *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e *Escritores Criativos e Devaneio* (1908). A escolha dessas obras justifica-se pela relevância de suas formulações acerca dos processos inconscientes, da fantasia e da criação artística, categorias centrais para a análise proposta.

O *corpus* analítico é constituído por passagens da obra literária que evidenciam a construção da interioridade da personagem Joana, selecionadas em função de sua pertinência para o diálogo com os conceitos psicanalíticos mobilizados. A análise procede de forma interpretativa, buscando identificar, nos

recursos narrativos empregados por Clarice Lispector, manifestações de processos psíquicos que a Psicanálise teoriza como expressões do inconsciente.

A revisão bibliográfica abrange tanto obras primárias de Sigmund Freud quanto estudos secundários dedicados à interface entre Psicanálise e Literatura, com atenção especial às produções que analisam a escrita clariceana sob perspectiva psicanalítica, como os trabalhos de Radaelli (2007) e França (2015). Tal percurso permite situar a análise em diálogo mais amplo com a produção acadêmica sobre o tema.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A proximidade entre psicanálise e literatura

A literatura constitui um campo complexo de expressão da experiência humana, no qual emoções, memórias e percepções subjetivas podem encontrar formas de representação por meio da linguagem. Ao longo da história, escritores e poetas utilizaram a palavra como meio de dar forma a experiências internas que muitas vezes escapam à explicação racional. Como afirma Manoel de Barros (2010, p. 15), “uso a palavra para compor meus silêncios”, indicando que a literatura pode expressar aspectos da experiência humana que nem sempre se apresentam de maneira direta ou plenamente consciente.

A partir dessa perspectiva, a produção literária pode ser compreendida como espaço privilegiado para a manifestação de conteúdos psíquicos, permitindo que experiências internas sejam elaboradas e compartilhadas por meio da narrativa. Desse modo, aquilo que o sujeito expressa através da arte, da poesia e da literatura não se encontra desvinculado de sua própria constituição subjetiva, mas está profundamente relacionado aos processos psíquicos que estruturam sua forma de perceber e interpretar o mundo.

Nesse contexto, surge a questão acerca da relação entre literatura e inconsciente: em que medida a literatura pode ser compreendida como espaço de manifestação do inconsciente? A obra de Clarice Lispector, conforme aponta a crítica de Nunes (1969), é frequentemente associada a uma narrativa introspectiva, na qual o foco se desloca dos fatos externos para os movimentos da consciência.

Contudo, limitar a compreensão de sua escrita a tais técnicas narrativas pode ser reducionista. Na literatura clariceana, a expressão da interioridade ultrapassa os procedimentos formais, configurando-se como espaço no qual experiências psíquicas complexas emergem de maneira muitas vezes descontínua e difícil de sistematizar, aproximando a narrativa de processos que, assim como o inconsciente, não obedecem a lógica linear ou previsível.

Essa autonomia do psiquismo revela que a subjetividade não constitui domínio plenamente governável pela razão, ecoando a célebre formulação de Sigmund Freud de que o indivíduo não detém controle absoluto sobre suas próprias instâncias internas:

O Eu não é senhor em sua própria casa. [...] O psíquico não coincide com o que é consciente para você; se algo se passa em sua alma ou não, diferente de se você fica sabendo disso. (Freud, 1917, p. 153)

3.2 A obra analisada: *Perto do Coração Selvagem*

A obra *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector, que constitui o principal objeto de análise deste trabalho, apresenta narrativa marcada pela exploração da interioridade da personagem Joana. Publicado em 1943, o romance estrutura-se em duas partes que acompanham diferentes momentos da vida da protagonista.

Na primeira parte, o leitor é conduzido à infância de Joana e a alguns momentos de sua vida adulta, revelando sua relação com o pai, a convivência com a tia — para cuja casa se muda após a morte do pai — e episódios que evidenciam a formação de sua personalidade. Ao longo dessa parte inicial, a narrativa apresenta fragmentos de memórias, reflexões e percepções que revelam a sensibilidade e o modo singular com que Joana observa o mundo ao seu redor.

Mais do que relatar acontecimentos de forma linear, a narrativa acompanha os movimentos internos da personagem, permitindo ao leitor acessar suas inquietações, seus questionamentos e sua forma singular de compreender a realidade e a si mesma. Essa dimensão introspectiva pode ser observada quando Joana reflete sobre sua própria identidade, como no trecho a seguir:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo (Lispector, 1943, p. 19).

Na segunda parte da obra, a narrativa passa a enfatizar as relações afetivas da personagem, especialmente a dinâmica do triângulo amoroso entre Joana, Otávio e Lídia. Nesse momento do romance, tornam-se ainda mais evidentes temas como a solidão, o abandono e a busca por si mesma. Ao longo dessas experiências, Joana vê-se confrontada com seus próprios sentimentos e contradições, precisando lidar com aquilo que emerge de sua vida interior.

A personagem é apresentada como alguém atravessado por impulsos, desejos e conflitos que muitas vezes provocam estranhamento nas pessoas ao seu redor. Seus gestos, pensamentos e atitudes nem sempre correspondem às expectativas sociais, o que contribui para a construção de uma figura complexa e, por vezes, inquietante. Sua tia a descreve como: “[...] um pequeno demônio... Eu, com minha idade e minha experiência, depois de ter criado uma filha já casada, fico fria ao lado de Joana [...] que Deus a conserve para seu marido” (Lispector, 1943, p. 48). É justamente nesse espaço de tensão entre o que é vivido externamente e aquilo que se movimenta em seu interior que se revela o universo subjetivo de Joana — um universo marcado por ambiguidades, inquietações e pela tentativa constante de compreender a si mesma.

Essa busca constante de Joana não se limita a objetos ou relações tangíveis, mas a uma forma de existir que preserve sua autonomia psíquica. Ela questiona-se se haveria “um meio de ter as coisas sem que as coisas a possuíssem” (Lispector, 1943, p. 29). Essa inquietação revela que sua busca se dirige a algo que a linguagem ainda não alcança, pois, como a própria personagem afirma, “liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome” (Lispector, 1943, p. 67).

A construção da personagem ocorre por meio de um movimento narrativo que alterna diferentes perspectivas. Em determinados momentos, Joana apresenta-se por meio de uma fala que se aproxima da primeira pessoa, revelando diretamente seus pensamentos, dúvidas e percepções; em outros, a narrativa desloca-se para a terceira pessoa, permitindo que o leitor acompanhe suas ações e reações a partir de uma perspectiva mais externa. Paralelamente a esses deslocamentos, surgem também observações provenientes do ambiente e dos demais personagens, que

oferecem leituras e interpretações sobre Joana, muitas vezes marcadas por estranhamento diante de seu modo singular de ser. Esse entrelaçamento de vozes narrativas permite observar como a personagem se constitui em meio aos sentimentos e às tentativas de traduzir em palavras aquilo que emerge de sua experiência subjetiva.

A distância que separa os sentimentos das palavras. Já pensei nisso. E o mais curioso é que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se torna lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é, seguramente, o que sinto, mas o que eu digo (Lispector, 1983, p. 91)

3.3 Fantasia e Devaneio: Freud e Clarice Lispector

Sigmund Freud já indicava, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), que o processo criativo envolve certa suspensão do controle racional, como evidencia ao citar Friedrich Schiller: “(...) onde existe uma mente criativa, a Razão – ao que me parece – relaxa sua vigilância sobre os portais e as ideias entram precipitadamente.” (Freud, 1900, p. 137-138).

No ensaio *Escritores Criativos e Devaneio*, publicado em 1908, Freud propõe uma reflexão acerca da relação entre a criação literária e a vida psíquica. Ao investigar o processo de produção artística, o autor busca compreender de que maneira a atividade do escritor se aproxima de experiências comuns à vida humana, especialmente no que se refere à capacidade de fantasiar. Como observa o próprio Freud nesse ensaio,

os escritores frequentemente procuram aproximar sua atividade da experiência cotidiana, afirmando que “afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta (Freud, 1908, p. 149).

Segundo o autor, a atividade do escritor possui estrutura semelhante à do brincar infantil. Como afirma Freud (1908), “o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade” (p. 150). A comparação evidencia como o sujeito

Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

reorganiza suas experiências, desejos e lembranças. “Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra” (*Idem*, p. 151).

Tal perspectiva pode ser aproximada da narrativa de *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, quando Joana reflete sobre a permanência da infância em sua experiência subjetiva: “Não é saudade, porque eu tenho agora a minha infância mais do que enquanto ela decorria” (Lispector, 1943, p. 46). A afirmação sugere que o passado não se apresenta apenas como lembrança, mas como algo que continua atuando na vida psíquica da personagem. Essa perspectiva também se manifesta quando Joana observa o comportamento das pessoas ao seu redor e estabelece analogia entre a vida adulta e o brincar infantil:

Todos esqueciam, todos só sabiam brincar. Olhou-os. Sua tia brincava com uma casa, uma cozinheira, um marido, uma filha casada, visitas. O tio brincava com dinheiro, com trabalho, com uma fazenda, com jogo de xadrez, com jornais (Lispector, 1943, p. 60).

Nesse trecho, evidencia-se como a narrativa clariceana sugere que aquilo que, na infância, manifesta-se como brincadeira permanece, de diferentes formas, na vida adulta, aproximando-se da concepção freudiana de que a fantasia e o brincar continuam operando na experiência psíquica ao longo da vida.

A própria linguagem, conforme destaca Freud, preserva essa relação entre fantasia e criação artística, pois “a linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética” (Freud, 1908, p. 150). Dessa forma, os chamados devaneios ou sonhos acordados tornam-se matéria-prima da produção literária, permitindo que desejos, conflitos e experiências subjetivas encontrem formas simbólicas de expressão.

Assim, a literatura pode ser compreendida como espaço no qual elementos da vida psíquica são elaborados e transformados em narrativa, possibilitando que aquilo que pertence inicialmente à experiência individual adquira dimensão compartilhável e seja reconhecido pelo leitor em sua própria vida interior.

Ao dar continuidade à reflexão sobre a relação entre criação literária e fantasia, Freud questiona se seria válido comparar o escritor imaginativo ao “sonhador em plena luz do dia” e suas criações aos devaneios (Freud, 1908, p. 154). Essa concepção pode ser observada na narrativa de Clarice Lispector, quando a personagem Joana reflete sobre sua própria experiência subjetiva:

Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis, mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência (Lispector, 1943, p. 66).

A afirmação de que “o sonho é mais completo que a realidade” se aproxima da concepção freudiana de fantasia e devaneio. Nesse sentido, a imaginação aparece como um campo no qual a vida psíquica encontra formas de expressão e elaboração. A reflexão de Joana sugere justamente essa dimensão: enquanto a realidade pode conduzir o sujeito a uma espécie de dispersão ou inconsciência, o sonho — entendido aqui como fantasia ou devaneio — oferece forma mais intensa e completa de experimentar a própria existência. Sigmund Freud justifica esse movimento ao afirmar que, enquanto a realidade impõe ao sujeito suas limitações, perdas e incompletudes, a fantasia opera sem essas restrições (Freud, 1908).

Nesse sentido, Sigmund Freud afirma que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (Freud, 1908, p. 156). A partir dessa perspectiva, a fantasia surge como recurso psíquico por meio do qual o sujeito busca elaborar tensões e frustrações que não encontram satisfação plena na realidade. Essa concepção pode ser observada na trajetória da personagem Joana, marcada por constante sensação de inadequação e insatisfação diante da vida. Em determinado momento da narrativa, evidencia-se essa experiência quando se afirma que “ninguém sabia que ela estava sendo infeliz ao ponto de buscar a vida” (Lispector, 1943, p. 73), sugerindo que a inquietação da personagem se manifesta como impulso permanente de busca.

Ao longo da obra, Joana frequentemente volta-se para sua interioridade, afastando-se da realidade externa e mergulhando em estados de introspecção: “Aos poucos conseguiu realmente isolar-se. Esse estado meio inconsciente, onde parecia-lhe mergulhar profundamente em ar morno, cinzento...” (Lispector, 1943, p. 77). Esse movimento de recolhimento para dentro de si pode ser compreendido, à luz da teoria freudiana, como forma de elaboração subjetiva das tensões vivenciadas pela personagem. Tal dinâmica aparece de maneira ainda mais intensa quando Joana descreve a si mesma como impulso impreciso e movido por desejos: “Eu toda nado, flutuo, atravesso o que existe com os nervos, nada sou senão um desejo [...]” (Lispector, 1943, p. 77).
 Psicologias em Movimento - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

vivificando-a, não a realidade, mas apenas o vago impulso para diante” (Lispector, 1943, p. 140). Nesse sentido, a narrativa clariceana evidencia subjetividade atravessada por inquietações que não encontram plena correspondência na realidade.

Entretanto, se as fantasias constituem dimensão tão íntima da vida psíquica, por que, muitas vezes, são acompanhadas de sentimentos de vergonha ou necessidade de ocultamento? Freud observa que, diferentemente da criança que brinca livremente com suas imaginações, o adulto tende a esconder seus devaneios, pois “o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas” (Freud, 1908, p. 151). Na narrativa de Clarice Lispector, essa dinâmica é sugerida quando se aponta que a recusa ao prazer pode esconder, na verdade, uma “capacidade enorme para o prazer, uma capacidade perigosa” (Lispector, 1943, p. 50), indicando que o rigor moral ou o isolamento funcionam como defesa contra a potência desmedida do desejo inconsciente.

A partir dessa constatação, surge outra questão: se os indivíduos costumam ocultar suas fantasias, por que a literatura, que frequentemente apresenta conteúdos semelhantes aos devaneios individuais, desperta interesse e prazer nos leitores? Sigmund Freud sugere que o escritor criativo desempenha papel particular nesse processo, pois transforma seus próprios devaneios em narrativas compartilháveis. Como afirma o autor, “mas como um escritor criativo nos apresenta suas peças com os relatos que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes” (Freud, 1908, p. 157-158).

3.4 A dimensão universal da experiência subjetiva na literatura

Desde o início da narrativa, a protagonista é apresentada como uma figura marcada por uma intensa vitalidade interior e por impulsos que escapam às convenções sociais. Em determinado momento da obra, Joana afirma sentir dentro de si “um animal perfeito, cheio de inconsequências, de egoísmo e vitalidade” (Lispector, 1943, p. 16). A metáfora do animal sugere uma expressão da subjetividade, aproximando-se das forças psíquicas que operam para além do controle racional.

Nesse sentido, a narrativa clariceana não procura ocultar ou suavizar esses impulsos; ao contrário, expõe, de maneira direta, os pensamentos, desejos e fantasias da protagonista. Tal procedimento literário dialoga com a reflexão proposta por Sigmund Freud em *Escritores Criativos e Devaneio* (1908), segundo a qual o escritor transforma conteúdos íntimos da vida psíquica, que muitas vezes seriam motivo de vergonha ou ocultamento, em matéria literária compartilhável por meio do estilo. Como aponta Perrone (2005), a escrita de Clarice Lispector não é apenas comunicação, mas a construção de uma marca singular que “embaralha as cartas do sistema de comunicação” (p. 91) tradicional. Ao invés de transmitir informações objetivas, a autora produz sentidos circulantes e dissemina significados, permitindo que o particular de Joana ecoe no singular do leitor.

É paradoxalmente ao expor essa intimidade nua e, por vezes, desconfortável de Joana que a obra atinge sua máxima dimensão universal. A Psicanálise demonstra que o mergulho na subjetividade não isola o sujeito, pois a “mais profunda e eterna natureza do homem” (Freud, 1900/1987, p. 281) reside justamente nesses impulsos primitivos compartilhados. Sigmund Freud ilustra essa travessia do subjetivo ao universal por meio da tragédia Édipo Rei² (496 a.C.): o impacto atemporal da obra persiste porque os impulsos íntimos e tabus do protagonista refletem, na verdade, um destino que “poderia ter sido o nosso” (Freud, 1900/1987, p. 278). No caso de Clarice Lispector, a universalidade ocorre porque sua escrita permite ao leitor encontrar, no desamparo e na “animalidade” de Joana, um ponto de ressonância para sua própria incompletude e desejo, revelando que o núcleo mais isolado do indivíduo é onde ele mais se aproxima da alteridade humana.

A parte “animalesca” na escrita de Clarice Lispector, em *Perto do Coração Selvagem*, opera um processo que a Psicanálise define como sublimação. Segundo Radaelli (2007), a sublimação é a capacidade de criar algo em um espaço onde não existe um saber prévio, elevando o objeto à “dignidade da Coisa”. O conceito de *Das Ding* (A Coisa) remete àquilo que, no psiquismo, não possui registro simbólico: porque o objeto da pulsão não tem lugar na linguagem, ele se instaura como um

² Édipo Rei é uma tragédia grega escrita por Sófocles, encenada pela primeira vez por volta de 496 a.C. A peça narra o destino do rei Édipo, que, sem o saber, mata o próprio pai e se casa com a própria mãe, cumprindo uma profecia que tentara a todo custo evitar. Freud retoma essa tragédia em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) para demonstrar como uma obra literária pode atravessar séculos e ainda provocar comoção no espectador, precisamente porque os conflitos vividos por Édipo — por mais extremos que pareçam — ressoam em camadas profundas da experiência humana compartilhada.

furo, um vazio em torno do qual a pulsão circula sem jamais encontrar repouso (Radaelli, 2007). Trata-se, portanto, de uma perda originária e estrutural — não algo que o sujeito um dia possuiu e perdeu, mas algo que nunca esteve disponível. Como esclarece Jorge (2000, p. 143), *Das Ding* é o objeto perdido desde sempre, e a tendência ao reencontro é produzida estruturalmente por essa perda constitutiva do sujeito humano enquanto tal. É precisamente sobre esse vazio irrepresentável que o princípio do prazer tenta, sem sucesso, tamponar sua falta — e é nesse mesmo lugar que a arte intervém. Em Clarice Lispector, o “animal perfeito” que habita Joana personifica esse núcleo inacessível: ao tentar narrá-lo, a escrita convoca o leitor a um confronto com seu próprio vazio constituinte.

O “animal perfeito” que habita Joana personifica, portanto, essa “Coisa”, o núcleo de uma alteridade radical que resiste à compreensão total. Ao tentar narrar esse “animal”, Clarice Lispector não se limita a descrever um atributo da personagem, mas convoca o leitor a um confronto com o seu próprio vazio constituinte. É nesse ponto que a experiência particular se torna universal: a obra não oferece um sentido acabado, mas preserva esse espaço de ressonância para a falta estrutural do sujeito, permitindo que cada leitor projete ali suas próprias perdas e fantasias.

A inquietação infantil de Joana – “Depois que se é feliz, o que acontece? O que vem depois?” (Lispector, 1943, p. 27) – antecipa a compreensão de que o desejo nunca se satisfaz plenamente em um objeto. Existe sempre um “depois” que impulsiona a busca, confirmando que a felicidade não é um estado estático, mas um movimento em torno de um vazio que a escrita clariceana se recusa a preencher.

A universalidade da experiência de Joana também pode ser lida através do conceito de desamparo (*Hilflosigkeit*). Radaelli (2007) destaca que o sujeito se encontra desamparado na linguagem, sem diretrizes ou saberes absolutos que deem conta de sua existência. Joana personifica essa crise; sua introspecção radical e sua recusa em se moldar às convenções sociais revelam a fragilidade da identidade humana diante do fluxo da vida. Assim, a narrativa de Clarice Lispector deixa de ser o relato de uma mulher específica para se tornar a cartografia de uma condição humana universal: a de estarmos todos, de certa forma, “estrangeiros” de nós mesmos, buscando na ficção da escrita um modo de suportar o vazio.

Como observa França (2015, p. 48), a escrita clariceana pode ser compreendida como uma “escrita faltosa”, que não visa dizer tudo, mas sim assinalar o para além das palavras. A linguagem de Clarice Lispector não possui caráter meramente informativo; ela é poética e lacunar, operando por meio de silêncios posicionados estrategicamente para a produção do estranhamento. Essa concepção de uma literatura que não conduz o leitor por caminhos fechados, mas que o liberta para suas próprias interpretações, encontra eco profundo na reflexão de Fernando Pessoa (1982) sobre o ato de ler e a insuficiência da fala:

Ler é sonhar pela mão de outrem. Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz. A entrega à leitura é o começo da escravidão; a leitura pessoal é a libertação da alma. [...] Sinto que as palavras que digo são os passos que dou num deserto de mim mesmo; que a minha voz é o som do vento no deserto da minha alma (Pessoa, 1982, p. 230).

Ao romper com a lógica linear, a autora cria frestas na narrativa, e é por essa porosidade que o inconsciente do leitor atravessa o texto, estabelecendo um ponto de contato com o inconsciente da obra. A universalidade da escrita, portanto, não reside em uma temática comum, mas na construção de uma estética que respeita e convoca a singularidade de quem lê.

Ao ocupar as lacunas deixadas pela narrativa, o leitor e a personagem encontram a potência da invenção. Joana compreende que “não era obrigada a seguir o passado, e com uma palavra podia inventar um caminho de vida” (Lispector, 1943, p. 31). Essa possibilidade de reinvenção através da palavra reforça a literatura como um espaço de elaboração simbólica, no qual o sujeito, ao narrar-se, pode criar saídas para seu desamparo constituinte.

Em *Perto do Coração Selvagem* (1943), o fluxo de consciência de Joana não busca explicar o mundo, mas sim tatear o “instante-já” (p. 52), aquele ponto em que a palavra falha e a experiência se impõe. É precisamente nessa falha da representação que a narrativa se torna porosa: o leitor não é convidado a entender Joana, mas a habitá-la, projetando suas próprias lacunas subjetivas nos espaços deixados pela escrita clariceana.

É por meio dessas frestas, dessa porosidade constitutiva do texto, que o fenômeno do *Unheimlich* (o estranho-familiar) emerge. Sigmund Freud caracteriza essa categoria como “(...) aquela variedade do assustador que remete ao que é conhecido de longa data, ao que é muito familiar” (Freud, 1919/2019, p. 32). *Psicologias em Movimento* - v.5, n.2: Ago-Dez, 2025.

Segundo a análise de França (2015), a obra de Clarice Lispector conduz o leitor ao desmoronamento das certezas cotidianas, revelando uma “zona obscura” (p. 58) que a palavra não consegue domesticar ou significar totalmente. Quando Joana mergulha em sua própria interioridade animal e desconexa, ela não está apenas vivendo um drama individual; ela está expondo o mecanismo da angústia inerente à condição humana, na qual aquilo que deveria permanecer oculto acaba vindo à tona, confrontando o sujeito com a alteridade de si mesmo.

Nesse sentido, a porosidade do muro entre Psicanálise e Literatura manifesta-se no encontro entre o inconsciente da obra e o inconsciente de quem lê. A universalidade da experiência subjetiva em Clarice Lispector, portanto, não reside na descrição de um sentimento comum, mas na construção de uma estética que respeita o “não saber” e a singularidade do leitor. Ao deparar-se com o mundo de Joana, o leitor é convocado a preencher as lacunas do texto com seus próprios fantasmas e desejos.

4 CONCLUSÃO

Diante do percurso desenvolvido ao longo deste trabalho, torna-se possível afirmar que a aproximação entre Literatura e Psicanálise não apenas se mostra viável, mas profundamente fecunda para a compreensão da subjetividade humana. A análise da obra *Perto do Coração Selvagem* (1943), de Clarice Lispector, evidenciou como a linguagem literária pode operar como um espaço privilegiado de manifestação de conteúdos psíquicos, especialmente daqueles que escapam à organização lógica e consciente do pensamento. Ao construir uma narrativa marcada pela fragmentação, pelo fluxo de consciência e pela introspecção, a autora não apenas representa a interioridade da personagem Joana, mas cria condições para que o leitor também se confronte com suas próprias experiências subjetivas.

Nesse sentido, o diálogo com a Psicanálise, particularmente com as formulações de Sigmund Freud, permitiu compreender a literatura como uma forma de elaboração simbólica, na qual fantasias, desejos e conflitos encontram vias de expressão. A noção de que a criação artística envolve uma suspensão do controle racional e a emergência de conteúdos inconscientes mostrou-se fundamental para

pensar a escrita clariceana, que frequentemente rompe com estruturas narrativas convencionais para dar lugar a uma experiência mais próxima dos movimentos da vida psíquica. A personagem Joana, nesse contexto, revela-se como uma figura atravessada por impulsos, inquietações e desejos que não se deixam reduzir a explicações lineares, aproximando-se da concepção psicanalítica de um sujeito marcado pela falta, pela ambiguidade e pela constante busca de si.

Além disso, a análise evidenciou que a literatura, ao expor dimensões íntimas e, por vezes, desconfortáveis da experiência humana, não se limita ao âmbito do individual. Paradoxalmente, é justamente ao mergulhar na singularidade da personagem que a narrativa alcança uma dimensão universal, permitindo que o leitor reconheça, naquele universo ficcional, aspectos de sua própria condição. Esse movimento reafirma a ideia de que a subjetividade, embora vivida de maneira única, está atravessada por estruturas e experiências compartilháveis, o que aproxima ainda mais os campos da Literatura e da Psicanálise.

A metáfora do “muro poroso”, que orienta este trabalho, mostra-se, portanto, particularmente pertinente: longe de indicar uma separação rígida entre os campos do saber, ela evidencia a possibilidade de trânsito, atravessamento e diálogo. A Psicanálise oferece instrumentos teóricos para a leitura da obra literária, enquanto a literatura, por sua vez, amplia e tensiona a compreensão psicanalítica ao dar forma sensível e singular a processos que, muitas vezes, resistem à conceituação. Trata-se, assim, de um encontro que não busca reduzir um campo ao outro, mas potencializar suas diferenças, abrindo espaço para interpretações mais complexas e menos totalizantes.

Por fim, destaca-se que este trabalho não pretende esgotar as possibilidades de leitura da obra analisada, nem fixar sentidos definitivos sobre a relação entre Literatura e Psicanálise. Ao contrário, reconhece-se que tanto a experiência literária quanto a psíquica são marcadas pela abertura, pela incompletude e pela multiplicidade de interpretações. Nesse horizonte, a análise aqui proposta reafirma a importância de abordagens interdisciplinares que valorizem a escuta do texto, a atenção à linguagem e a sensibilidade às nuances da experiência subjetiva, compreendendo a literatura não apenas como objeto de estudo, mas como um espaço vivo de encontro entre o sujeito, a linguagem e o inconsciente.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2010.

FRANÇA, V. **Da angústia e o gozo**: um percurso psicanalítico na escrita de Clarice Lispector. 2015. 83f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/14617>. Acesso em: 11 maio 2026.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos (1900). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 4-5.

FREUD, Sigmund. Escritores Criativos e Devaneio (1908). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 9, p. 147-158.

FREUD, Sigmund. O “Estranhamente Familiar” (Das Unheimliche) (1919). In: _____. **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 21-76.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 17, p. 143-153.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: A Noite, 1943.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**: ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RADAELLI, Juliana. O sujeito e a ficção da escrita: uma articulação entre psicanálise, literatura e educação. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 1, n. 3, jun. 2007.

BIODADOS

Andressa Karollyne Souza Silva

Acadêmico do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), no semestre letivo 2026/1.

E-mail: andressakarollyne5@gmail.com.

Bruno Fiuza Franco

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás, Brasil (2017). Supervisor de estágio - Clínica Psicanalítica do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

E-mail: brunofiuza@unifan.edu.br.